

Deep deep down, far far in (and out)

15.05 \ 2019
15.12 \ 2019

Obras da
Colecção Fundação Leal Rios

Artworks from
Fundação Leal Rios Collection

AnaMary Bilbao
Becky Beasley
Rui Chafes
José Pedro Croft
John Wood & Paul Harrison
Matt Mullican
Antoni Muntadas
João Penalva
Pedro Cabrita Reis
Mauro Restiffe
Francisco Tropa
Mariana Viegas

Deep deep down, far far in (and out)

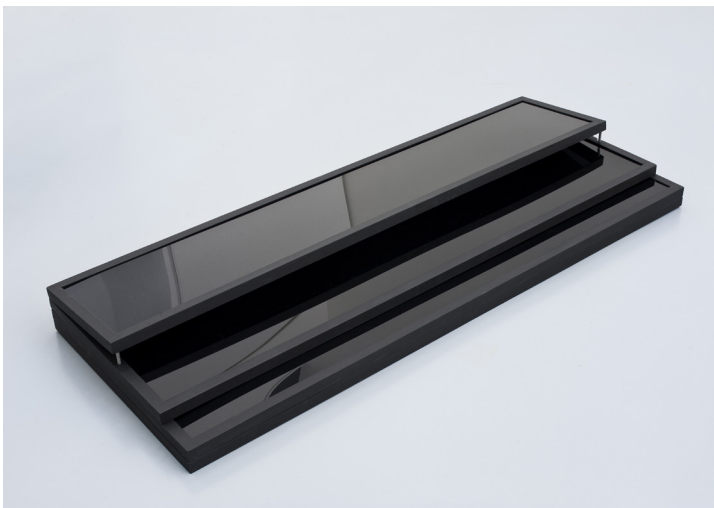
Obras da coleção Fundação Leal Rios

— PT —

15.05 \¹⁹ — 15.12 \¹⁹

"What you are basically deep deep down, far, far in, is simply the fabric and structure of existence itself"
- Alan Watts

Deep deep down, far far in (and out), é uma exposição que apresenta uma selecção de dezasseis obras, de doze artistas, da colecção da Fundação Leal Rios, dispostas num percurso articulado por dois pisos e quatro ambientes. Aprofundando a relação de um movimento introspectivo com um outro de carácter expansivo, a ideia de foco convive com a ideia de abrangência e cada trabalho relaciona uma leitura individual com uma leitura de conjunto.



1 \ Becky Beasley, *Steppe*, 2008 © Becky Beasley e Fundação Leal Rios \ Fotografia: Pedro Tropa

Solicitando um olhar atento e um tempo lento, procura-se estabelecer uma relação entre contração e distensão, investigando a natureza do indivíduo e do mundo que o rodeia. Assim, desenvolvendo o conceito de complementaridade entre opostos, onde um estado implica a existência do seu contrário, cada obra encontra o seu contraponto, vivendo da articulação entre a pequena e a grande dimensão, entre o que está fixo e que está em deslocação, e entre o que leva ao interior e o que remete para o exterior.

A exposição tem início na entrada do edifício, onde se reforça a perspectiva dominante do espaço e sublinha um sentido de imersão. Neste local, uma projecção de vídeo de **John Wood & Paul Harrison** estabelece uma ilusão em torno da ideia de profundidade, movimento e permanência, questionando a posição e a percepção do observador. Esta obra acolhe o visitante, marca o arranque da exposição e funciona como ponto de charneira em relação ao desenvolvimento do conjunto.

As obras dispostas na sala de maior dimensão reforçam o intento enunciado e marcam uma progressão que se expande de uma ligação com o corpo, a uma ligação com o céu. Da leitura de uma escala humana, à leitura de uma escala planetária, a mediação é feita pela ideia de moldura que foca a atenção, constrói o olhar e assume a maleabilidade de enunciar diferentes amplitudes.

Assim, ao entrar, deparamo-nos com uma escultura de **Rui Chafes** que nos remete para o corpo humano e para a noção de uso. A sua posição articula-se com a altura do observador e envolve-o na narrativa que se pretende desenvolver. Em diálogo com esta obra surgem dois trabalhos de **AnaMary Bilbao** que, pelo movimento do gesto e pela ampliação da imagem, problematizam a expressão da fotografia, a visualização do tempo, e a possibilidade da memória. As obras desta artista desenvolvem uma conexão entre a rasura que a mão inscreve e a abstracção do olhar, que reside na cabeça.

Trabalhando sobre a construção do olhar, as obras de **Becky Beasley**, **José Pedro Croft** e **Mauro Restiffe**, exploram modos diferentes de enformar, conduzir e expandir a visão. Becky Beasley apresenta-nos um objecto de pavimento que é composto por camadas, convidando-nos a mergulhar no reflexo do espelho negro em que é formado. Este objecto desenvolve-se em torno de um aprofundamento vertical e contrapõe-se a uma outra obra de pavimento, que lhe é fronteira, de José Pedro Croft. Aqui, a vista projecta-se para os lados e para o alto, e o reflexo organiza-se numa lógica cinemática. Mediando estes dois elementos surge uma

outra obra, do mesmo artista, delineada em torno do espelho e da extensão horizontal que ele produz, que encontra eco na obra de Mauro Restiffe, onde se invoca a ilusão e se regista uma figura em *mise en abyme*.

À medida que progredimos as imagens tornam-se dinâmicas e promovem uma transição do espaço interior para um mundo exterior. Nesse sentido, a obra de **Antoni Muntadas** estabelece a passagem entre uma esfera individual e uma esfera colectiva, reforçando o olhar frontal, sobre um pequeno ecrã com uma vidraça de grandes dimensões. Em contraponto a esta obra, surgem três fotografias de **João Penalva** que, com um tamanho maior, centram a nossa atenção sobre a ampliação de um conjunto de fios eléctricos, que riscam o céu de Osaka. Se as obras de AnaMary Bilbao ampliam a figura, questionam a imagem e se aproximam ao desenho, estas outras, que se posicionam no outro extremo da mesma parede, procedem de igual modo mas abeiram-se ao universo da pintura nipónica. A deslocação do olhar para o alto é corroborada pelo díptico de **Matt Mullican**, que incorpora uma dimensão cosmológica e traça um itinerário de relações, entre o espírito e os corpos celestes. Este díptico dispõe-se de face para a primeira obra da sala, estabelecendo uma convivência entre a dimensão interior do corpo e a escala do mundo celeste.

O terceiro ambiente apresenta uma única obra, de **Francisco Tropa**, que colmata a progressão estabelecida e com uma projecção de luz branca, inverte o momento que inicia a exposição.

O quarto ambiente posiciona-se no piso superior e apresenta duas obras que dialogam em torno do espírito/água, da gravidade e da ideia de paisagem.

Mariana Viegas exhibe uma imagem de uma cascata e **Pedro Cabrita Reis** apresenta-nos uma obra que exalta o movimento de ascensão e queda, em torno de um poço. Ambas as obras conduzem a nossa atenção para o solo e estabelecem o regresso ao início da exposição.

Ao longo das salas encontramos uma correspondência entre obras que respondem ao corpo e a um uso que se requer aos objectos, entre obras que trabalham a elasticidade e a conformação do olhar, e entre obras que, numa abrangência mais extensa, convocam referências à paisagem e ao planeta. Assim, no quadro de uma natureza meditativa, a percepção deambula entre a micro-escala e a macro-escala, num registo que alterna uma ideia de contração e uma ideia de expansão.

Assente nessa rede, a exposição delineia uma reflexão em torno da forma como se apreende e conceptualiza o indivíduo e o mundo em seu redor, trabalhando com a articulação espacial e a percepção do visitante que, em alguns casos se torna participante e noutros, mero observador.



2 \ AnaMary Bilbao, *Todas as formas sublimes são transitórias (8)*, 2018 © AnaMary Bilbao e Fundação Leal Rios \ Fotografia: Bruno Lopes



3 \ Francisco Tropa, *Demonstração de difração, usando ondas de água*, 1992-2010 © Francisco Tropa e Fundação Leal Rios \ Fotografia: Helena Peralta

Deep deep down, far far in (and out)

Works from the
Leal Rios Foundation Collection

— PT — 15.05 \¹⁹ — 15.12 \¹⁹

"What you are basically deep deep down, far, far in, is simply the fabric and structure of existence itself"
- Alan Watts

Deep deep down, far far in (and out) is an exhibition that presents a selection of sixteen works by twelve artists, all belonging to the collection of the Fundação Leal Rios, arranged along two floors and four environments. Deepening the relationship between two different movements, one introspective and the other expansive, the notion of focus shares the stage with the idea of inclusiveness, and each work calls for both an individual and a collective reading.



1 \ Matt Mullican, *Untitled (Notebook Pages Cosmology Yellow)*, 2003 © Matt Mullican and Fundação Leal Rios \ Photography: Bruno Lopes

Demanding attentiveness and time from the viewer, the show attempts to establish a connection between contraction and distention, exploring the nature of the individual and of the world around it. Thus, developing the concept of complementarity between opposites, according to which any given state implies the existence of its contrary, each work has its counterpart, feeding from the articulation between small and large scale, what is fixed and what is moving, what leads inward and what leads outward.

The show starts at the entrance of the building, where we reinforce the dominant perspective of the space and emphasize a sense of immersion. Here, a video projection by **John Wood & Paul Harrison** establishes an illusion that lives from the notions of depth, movement and permanence, questioning the observer's position and perception. Welcoming the visitor, this work marks the beginning of the show and functions as the starting point from which it will develop.

The pieces in the larger room reinforce our intent and signal a progression that expands from a connectedness with the body to a connection with the sky. The notion of frame mediates human and planetary scales, it focuses our attention, shapes our gaze and assumes the malleability of enunciating different amplitudes.

As we enter, we see a sculpture by **Rui Chafes**, which refers to the human body and the idea of use. Its position relates to the viewers' height and involves them in the narrative being developed. In a dialogue with this piece, two works by **AnaMary Bilbao** question, through the movement of gesture and the enlargement of the image, the expression of photography, the visualization of time and the possibilities of memory. The works by this artist establish a link between an erasure produced by the hand and the abstraction of the gaze, which lies in our heads. Addressing the issues that pertain to the construction of the gaze, the pieces by **Becky Beasley**, **José Pedro Croft**, and **Mauro Restiffe**, explore new strategies to frame, guide and expand our vision. Becky Beasley presents an object on the floor composed of layers and invites us to dive into the reflection that forms in the black mirror. This object arises from a vertical deepening and serves as a counterpoint to another floor piece, this one by **José Pedro Croft**. In this case, the view is projected sideways and upwards, and the reflection is organized in a cinematic logic. Mediating these two elements, another work by the same artist outlines the mirror and the horizontal area defined by it, finding its echo in the piece by Mauro Restiffe, which in turn is evocative of an illusion and depicts a figure in *mise en abyme*.

As we progress through the show, images become

more and more dynamic and promote a transition between interior space and the exterior world. In this sense, the work by **Antoni Muntadas** marks the passage between the individual and the collective sphere, reinforcing the frontal gaze, on a small screen with a large glass. As a counterpoint to this piece, three photographs by **João Penalva**, in a larger format, focus our attention on the enlargement of several power lines that criss-cross the skies over Osaka. If the works by AnaMary Bilbao enlarge the figure, question the image and are closer to drawing, Penalva's photos, hanging on the opposite side of the same wall, raise the same issues but refer to the universe of Japanese painting.

Matt Mullican's diptych sends our gazes upwards, incorporating a cosmological dimension and tracing an itinerary of relations between the spirit and celestial bodies. This diptych is presented facing the first work in this room and establishes a complicity between the body's interior dimensions and the scale of the celestial world.

The third environment has a single piece, by **Francisco Tropa**, that completes our progression with a projection of white light, an inversion of the show's first moment. On the top floor, the fourth environment includes two works that establish a dialogue that revolves around spirit/water, gravity and the notion of landscape. **Mariana Viegas** presents an image of a waterfall and **Pedro Cabrita Reis** a piece that exalts the movement of ascent and fall, around a well. Both works guide our attention to the ground, closing the circuit of the show.

Along these rooms, we can find a correspondence between works that respond to the body and to a specific use of objects, among works that play with the elasticity and conformation of the gaze, and others that, in a more extensive scope, convoke references to landscape and to the planet. As such, in the context of a meditative nature, our perception wanders between the micro and the macro, in a register that alternates between a notion of contraction and an idea of expansion.

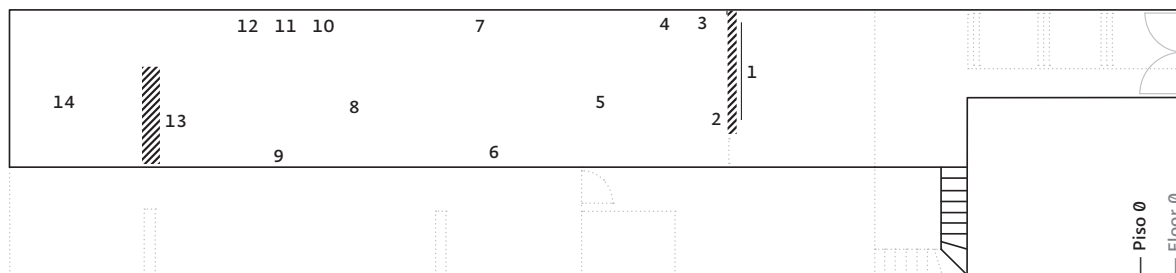
Based on this web, the exhibition is the outline of a reflection on how we learn and conceptualize the individual and the world around it, working with space and with the perception of the viewer, who can be a participant or a simple observer.



2 \ José Pedro Croft, *Sem título*, 1996 © José Pedro Croft and Fundação Leal Rios \ Photography: Bruno Lopes



3 \ *Deep deep down, far far in (and out)* \ Exhibition view - João Penalva artworks \ © João Penalva and Fundação Leal Rios \ Photography: Bruno Lopes



Legenda:

— PT —

1 \ John Wood & Paul Harrison

Blind/Spot, 2007

Vídeo, som

10'05" (versão em loop)

2 \ Rui Chafes

teu coração está a dormir, não o acordes demasiado tarde, 2008

Ferro

69 x 13 x 17 cm

3 \ AnaMary Bilbao

Todas as formas sublimes são transitórias (4), 2018Impressão a jato de tinta sobre papel japonês 70gr
110 x 146 cm

4 \ AnaMary Bilbao

Todas as formas sublimes são transitórias (8), 2018Impressão a jato de tinta sobre papel japonês 70g
110 x 150 cm

5 \ Becky Beasley

Steppe, 2008

Ferro, acrílico preto, suportes em aço

13,5 x 58 x 147 cm

6 \ Mauro Restiffe

Untitled (after Vermeer 1998), 2000

Prova de emulsão de prata

180 x 120 cm

7 \ José Pedro Croft

Sem título, 1996

Madeira, espelho

92,5 x 18,9 x 75 cm + 50 x 75 x 0,4 cm

8 \ José Pedro Croft

Sem título, 2003

Ferro, vidro, espelho

70 x 315 x 140 cm

Captions:

— EN —

1 \ John Wood & Paul Harrison

Blind/Spot, 2007

Video, sound

10'05" (looped version)'

2 \ Rui Chafes

teu coração está a dormir, não o acordes demasiado tarde, 2008

Iron

69 x 13 x 17 cm

3 \ AnaMary Bilbao

Sublime forms are all transitory (4), 2018Inkjet print on japanese paper 70gr
110 x 146 cm'

4 \ AnaMary Bilbao

Sublime forms are all transitory (8), 2018Inkjet print on japanese paper 70gr
110 x 150 cm

5 \ Becky Beasley

Steppe, 2008

Black acrylic glass, steel, hinges

13,5 x 58 x 147 cm

6 \ Mauro Restiffe

Untitled (after Vermeer 1998), 2000

Gelatin silver print

180 x 120 cm

7 \ José Pedro Croft

Sem título, 1996

Wood, mirror

92,5 x 18,9 x 75 cm + 50 x 75 x 0,4 cm

8 \ José Pedro Croft

Untitled, 2003

Iron, glass, mirror

70 x 315 x 140 cm

9 \ Antoni Muntadas
On Translation: On view, 2004
 Vídeo cor, som
 7'36"

10 \ João Penalva
Looking up in Osaka (Hokorucho), 2005
 Impressão Piezo única em papel Inova 320g montado a seco sobre alumínio, vidro acrílico e moldura de carvalho
 200 x 130 cm

11 \ João Penalva
Looking up in Osaka (Bentencho), 2006
 Impressão Piezo única em papel Inova 320g montado a seco sobre alumínio, vidro acrílico e moldura de carvalho
 200 x 130 cm

12 \ João Penalva
Looking up in Osaka (Bentencho), 2006
 Impressão Piezo única em papel Inova 320g montado a seco sobre alumínio, vidro acrílico e moldura de carvalho
 200 x 130 cm

13 \ Matt Mullican
Sem Título (Notebook Pages Cosmology Yellow), 2003
 Acrílico, frottage com pastel de óleo sobre tela (diptico)
 183 x 122 cm (x2)

14 \ Francisco Tropa
Demonstração de difração, usando ondas de água, 1992-2010, (reconstrução de uma peça destruída)
 Caixa de madeira, lâmpada, madeira, suporte em latão para lente e espelho, reservatório de vidro e água
 Dimensões variáveis

9 \ Antoni Muntadas
On Translation: On view, 2004
 Vídeo colour, sound
 7'36"

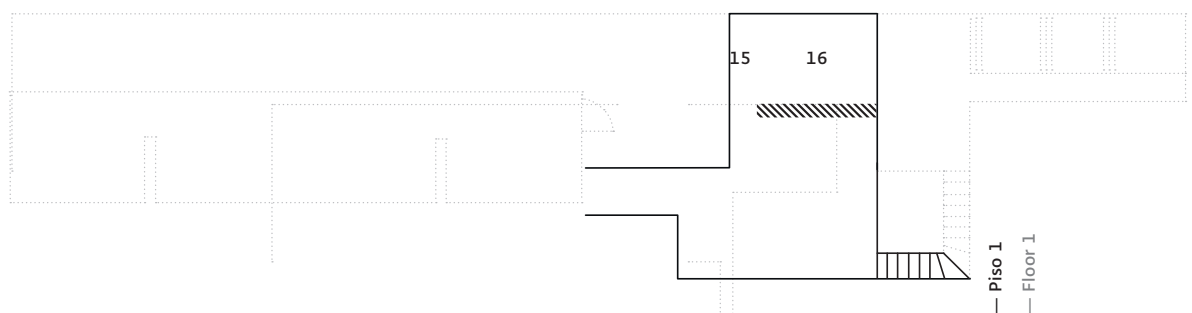
10 \ João Penalva
Looking up in Osaka (Hokorucho), 2005
 Unique Piezo print on Inova paper 320g dry mounted on aluminium, plexiglass and oak frame
 200 x 130 cm

11 \ João Penalva
Looking up in Osaka (Bentencho), 2006
 Unique Piezo print on Inova paper 320g dry mounted on aluminium, plexiglass and oak frame
 200 x 130 cm

12 \ João Penalva
Looking up in Osaka (Bentencho), 2006
 Unique Piezo print on Inova paper 320g dry mounted on aluminium, plexiglass and oak frame
 200 x 130 cm

13 \ Matt Mullican
Untitled (Notebook Pages Cosmology Yellow), 2003
 Acrylic, frottage with oil pastel on canvas (diptych)
 183 x 122 cm (x2)

14 \ Francisco Tropa
Demonstration of Diffraction Using Water Waves, 1992-2010, (reconstruction of a destroyed piece)
 Wooden box, lamp, wood, brass support for lens and mirror, glass reservoir, water
 Variable dimensions



15 \ Mariana Viegas
Sem título, Niagara Fall, 2005/2006
 Impressão light-jet
 80 x 100 cm

16 \ Pedro Cabrita Reis
Sem título, 1990
 Madeira, gesso
 58,5 x 103 x 69,5 cm

15 \ Mariana Viegas
Untitled, Niagara Fall, 2005/2006
 Light-jet print
 80 x 100 cm

16 \ Pedro Cabrita Reis
Untitled, 1990
 Wood, plaster
 58,5 x 103 x 69,5 cm

Ficha técnica
Credits

Direção
Director
Miguel Leal Rios

Desenho Gráfico e Paginação
Layout and Graphic Design
MIGUELRIOS'DESIGN

Curadoria de
Curated by
Sérgio Fazenda Rodrigues

Agradecimentos
Acknowledgements
Câmara Municipal do Cadaval
Compal

Texto
Text
Sérgio Fazenda Rodrigues

Traduções
Translations
José Roseira

Produção
Production
Fundação Leal Rios

Assistente de Produção
Production Assistant
Miguel Pedro
Fernando Lopes

Produção \ Production



Visitas à exposição
Exhibition visits

Quintas a Sábados
14:30h — 18:30h
—
Thursdays untill Saturdays
2:30 pm. — 6:30 pm.

Fundação Leal Rios

www.lealriosfoundation.com
Rua do Centro Cultural, 17-B
1700-106 Lisboa, PORTUGAL
T \ +351 210 998 623
F \ +351 218 822 574
E \ contact@lealriosfoundation.com

Apoio \ Support



Câmara Municipal do Cadaval
Adega da Vermelha
Adega Cooperativa do Cadaval
Compal

Transportes
Transportation

Autocarros
Buses
717 — 731 — 735 — 745
— 750 — 755 — 767

Metro
Subway

Linha Verde (Estação: Alvalade)
Green Line (Station: Alvalade)